

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

ALEXSSANDRO LIEL

**O MUNDO PRÉ-ROMANO:
IBÉRICOS E GERMÂNICOS, UMA LEITURA SOBRE A CONSTRUÇÃO
DA ALTERIDADE À ÉPOCA IMPERIAL**

Alfenas/MG

2025

ALEXSSANDRO LIEL

**O MUNDO PRÉ-ROMANO: IBÉRICOS E GERMÂNICOS, UMA LEITURA SOBRE
A ALTERIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica.

Orientador(a): Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan

Alfenas/MG

2025

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Liel, Alexssandro.

O mundo pré-romano: ibéricos e germânicos. uma leitura sobre a construção da alteridade à época imperial : Romanização na Península Ibérica / Alexssandro Liel. - Alfenas, MG, 2025.

37 f. : il. -

Orientador(a): Cláudio Umpierre Carlan.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2025.

Bibliografia.

1. Ensino de História. 2. Império Romano. 3. Península Ibérica. 4. Alteridade e Etnocentrismo. 5. Aculturação. I. Carlan, Cláudio Umpierre, orient. II. Título.

O MUNDO PRÉ-ROMANO: IBÉRICOS E GERMÂNICOS, UMA LEITURA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA
ALTERIDADE À ÉPOCA IMPERIAL

O Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 23 de outubro de 2025.

Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Profa. Dra. Nathalia Monseff Junqueira

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS - MS)

Prof. Dr. Filipe Noé Silva

Instituição: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC - SC)



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Umpierre Carlan, Professor do Magistério Superior**, em 23/10/2025, às 12:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1651142** e o código CRC **80EA15D3**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por todas as oportunidades concedidas a mim, pela força e tranquilidade nos momentos de fraqueza e dificuldades.

À minha mãe, Maria Evanil de Oliveira (*in memoriam*), pelo amor, carinho e apoio que sempre me consentiu. Em especial, agradeço ao meu sogro, Jurandir Millan e minha sogra, Maria de Lourdes Sobreiro Millan (*in memoriam*), por fazer parte dessa importante etapa da minha vida, com amparo e atenção de verdadeiros pais.

De forma incondicional à minha esposa Sirlei Maria Millan Liel, pelo amor, pela presença constante e por todo suporte, que me ajudou a acreditar que posso mais do que imagino.

Agradeço aos meus professores, colegas de graduação e pós-graduação. De maneira especial, agradeço ao meu orientador, Claudio Umpierre Carlan. Obrigado, por toda dedicação, pelo empenho e a paciência.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Com o propósito de favorecer o aprendizado nas aulas de História, no que se refere ao Império Romano, sobretudo, a romanização na Península Ibérica, pretende-se discutir os conceitos de etnocentrismo e alteridade, no encontro entre os romanos com os povos ibéricos e os chamados “germânicos”. Com base nesses preceitos, propor-se-á a aproximação do tema, para sala de aula do Ensino Fundamental- Anos Finais.

PALAVRAS-CHAVE: História; Antiguidade; Império Romano; Alteridade; Etnocentrismo; Península Ibérica.

RESUMEN

Con el objetivo de favorecer la enseñanza de Historia, y sobre todo la del Imperio Romano y el proceso de romanización de la Península Ibérica, objetivamos discutir los conceptos de etnocentrismo y alteridad utilizados para nominar el encuentro entre los romanos e ibéricos, y también la descripción de los llamados “germánicos”. Desde los dichos preceptos, si propone una aproximación al tema para las clases y enseñanza de Historia en la Enseñanza Fundamental (años finales) en la escuela.

PALABRAS-CLAVES: Historia; Antigüedad; Imperio romano; Alteridad; etnocentrismo; Península Ibérica.

ABSTRACT

With the purpose of promoting learning in History classes, with regard to the Roman Empire, above all, Romanization in the Iberian Peninsula, is intended to show the concept of ethnocentrism and alterity, in the encounter of Roman and Iberian peoples, and with the named “germanic people” as well. Based on these precepts, we propose an approach to the topic for the Elementary School - Final Years classroom.

KEYWORDS: History; Antique; Roman Empire; Otherness; Ethnocentrism; Iberian Peninsula.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 –	Imagem original	13
Figura 2 –	Imagem do Programa	14
Figura 3 –	Imagem do Programa	15
Figura 4 –	Imagem do Programa	15
Figura 5 –	Imagem do Programa	16
Figura 6 –	Imagem do Programa	17
Figura 7 –	Imagem do Programa	17
Figura 8 –	Imagem do Programa	18
Figura 9 –	Atividades dos alunos.....	19
Figura 10 –	Atividades dos alunos	19
Figura 11 –	Atividades dos alunos	20
Figura 12 –	Atividades dos alunos	20
Figura 13 –	Atividades dos alunos	21
Figura 14 –	Atividades dos alunos	21

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	10
	PARTE I – MIX DE JOGOS INTERATIVOS	12
2	PARA A MONTAGEM DOS JOGOS.....	13
	2.1 PROGRAMA HOT POTATOES.....	13
	2.2 CONFIGURAÇÕES DE APLICATIVOS.....	14
	2.3 JCROS.....	15
	2.4 JQUIZ.....	16
	2.5 J CLOZE.....	16
	2.6 JMATCH.....	17
	2.7 J MIX.....	18
	2.8 THE MASHER.....	18
	2.9 EXERCÍCIOS PARA OS ESTUDANTES.....	18
	PARTE II – O MUNDO PRÉ ROMANO: IBÉRICOS E GERMÂNIOS	
	UMA LEITURA SOBRE ALTERIDADE.....	23
3	INTRODUÇÃO.....	27
4	ALTERIDADE NO IMPÉRIO ROMANO.....	30
5	PRESENÇA NA PENÍNSULA IBÉRICA.....	32
6	ACULTURAÇÃO NO PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO	34
7	PROCESSO CONSTRUTIVO DO CONCEITO DE NAÇÕES.....	36
	PARTE III – QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	37
8	ENSINO DE HISTÓRIA.....	38
	REFERÊNCIAS.....	43

1 APRESENTAÇÃO

Esse projeto tem como desígnio desenvolver alternativas com maior relevância entre o ensino de História e o período destinado ao Império Romano. Apontando a romanização na Península Ibérica, com o crivo da alteridade. Há tempos, a historiografia apresenta-nos de forma contundente esse encontro entre romanos e ibéricos. Na sua maioria acreditam-se que julgar e criticar a moral dos nativos sob “olhar cultural” da sua essência, pode ser uma maneira de mostrar a superioridade dos povos dominantes.

Dessa forma, espera-se potencializar o conceito da aprendizagem, para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II- Anos Finais. No intuito de tornar as aulas mais atrativas, e ao mesmo tempo, lúdicas e didáticas. O objeto de aprendizagem desse projeto, integra o uso de um recurso de jogos interativos, sobretudo, informando os alunos sobre o assunto descrito e fazendo que as informações fiquem visualmente organizadas e com aproximação mais simples sobre o conteúdo abordado.

Nesse sentido, a plataforma Hot Potatoes será de fundamental importância para o planejamento e a estratégia no desenvolvimento de um mix de jogos interativos, esboçando modelo dinâmico e fortalecendo o aprendizado dos alunos.

A princípio, na Parte I da dissertação, trazemos a maneira como vamos usar o programa Hot Potatoes. Esse *software* permite elaborar de maneira muito fácil, testes interativos que podem ser incorporados na internet. Seguindo essa linha de pensamento, é usual, por exemplo, que essa ferramenta seja utilizada em outras habilidades e conteúdo. Dessa maneira, não ficará direcionada somente ao período do Império Romano.

Consequentemente, na Parte II, segue o artigo conectado à pesquisa denominada de “O mundo pré-romano: ibéricos e germânicos, uma leitura sobre a alteridade. Considerando como elemento de apoio para a produção do objeto de aprendizagem, podemos comparar diferentes narrativas etnográficas antigas, que são ressaltadas as características do “outro”, com ênfase em aspectos como religião, a língua, o espectro político, os costumes e até mesmo o convívio social. Sob o olhar de viajantes como Tácito (Andrade, 2011), Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), Heródoto, Pausânias, entre outros, há constante comparação quantos aos aspectos culturais. Considerações desse tipo também pode ser lida nos escritos que retratam os povos da Península Ibérica, durante o período de domínio romano.

Com base nesses preceitos, o presente projeto de mestrado discutirá, a partir do conceito de alteridade, o encontro entre os povos ibéricos com os romanos. Para tanto, a pesquisa

também proporá uma discussão teórica sobre o assunto, abordando o contexto histórico desses documentos e as particularidades de cada obra estudada.

A Parte III refere-se à conexão entre a metodologia do Ensino de História, com a sistematização da didática do mix de jogos bem construído e elaborado, usando todos os elementos e mostrando a história de uma maneira mais atraente e memorável. Desse modo, essa ferramenta colocará informações petulantes relacionada a Península Ibérica e seus povos.

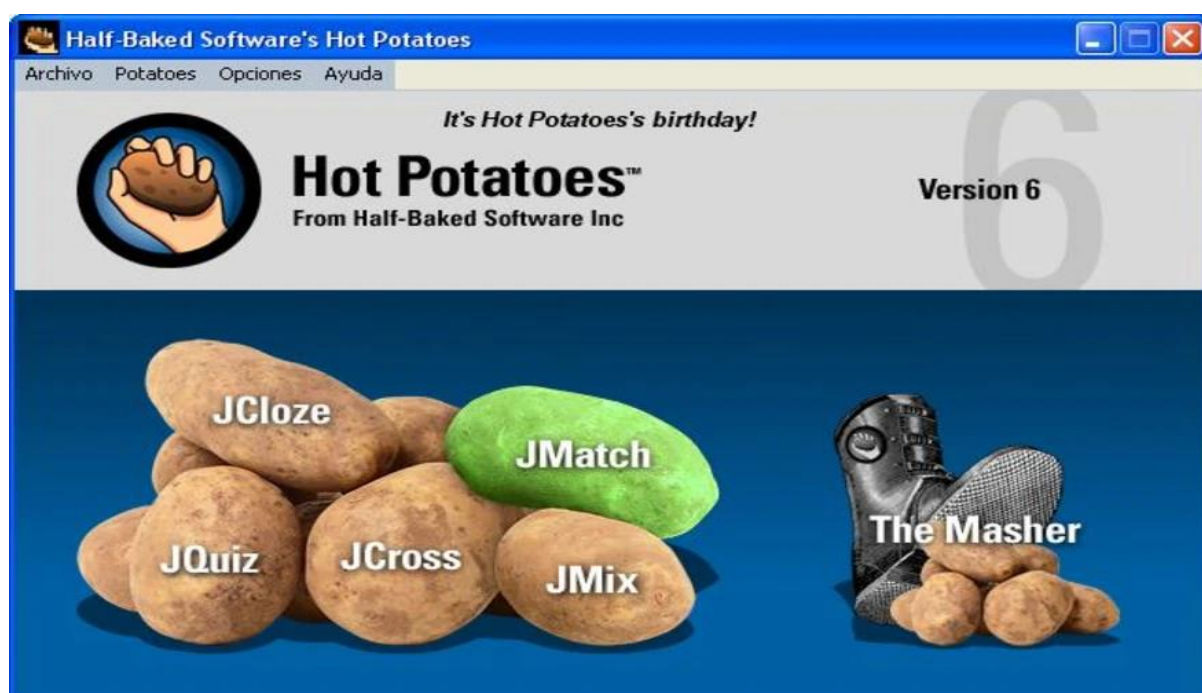
PARTE I:
MIX DE JOGOS INTERATIVOS

2 PARA A MONTAGEM DOS JOGOS

Primordialmente, iremos apresentar o programa Hot Potatoes, que se baseia em um *software*, permitindo a criação de testes interativos que podem ser facilmente anexados a página da internet. A princípio, trabalharemos com o pacote de seis ferramentas, possibilitando a criação de exercícios com uma vasta variedade de conteúdo.

Esse objeto de aprendizagem proporciona uma introdução fascinante às temáticas diversificadas e interdisciplinares. Nesse aspecto, a aproximação do discente, juntamente com os temas abordados, propicia um melhor entendimento do assunto em questão. Ele oferece uma dinâmica participativa, com uso da tecnologia, sobretudo no âmbito pedagógico. De modo geral, ele poderá ser utilizado não apenas por alunos do Fundamenta II- Anos Finais, mas também por docentes de diversas áreas do conhecimento da Educação Básica.

Figura 1 – Programa Hot Potatoes.

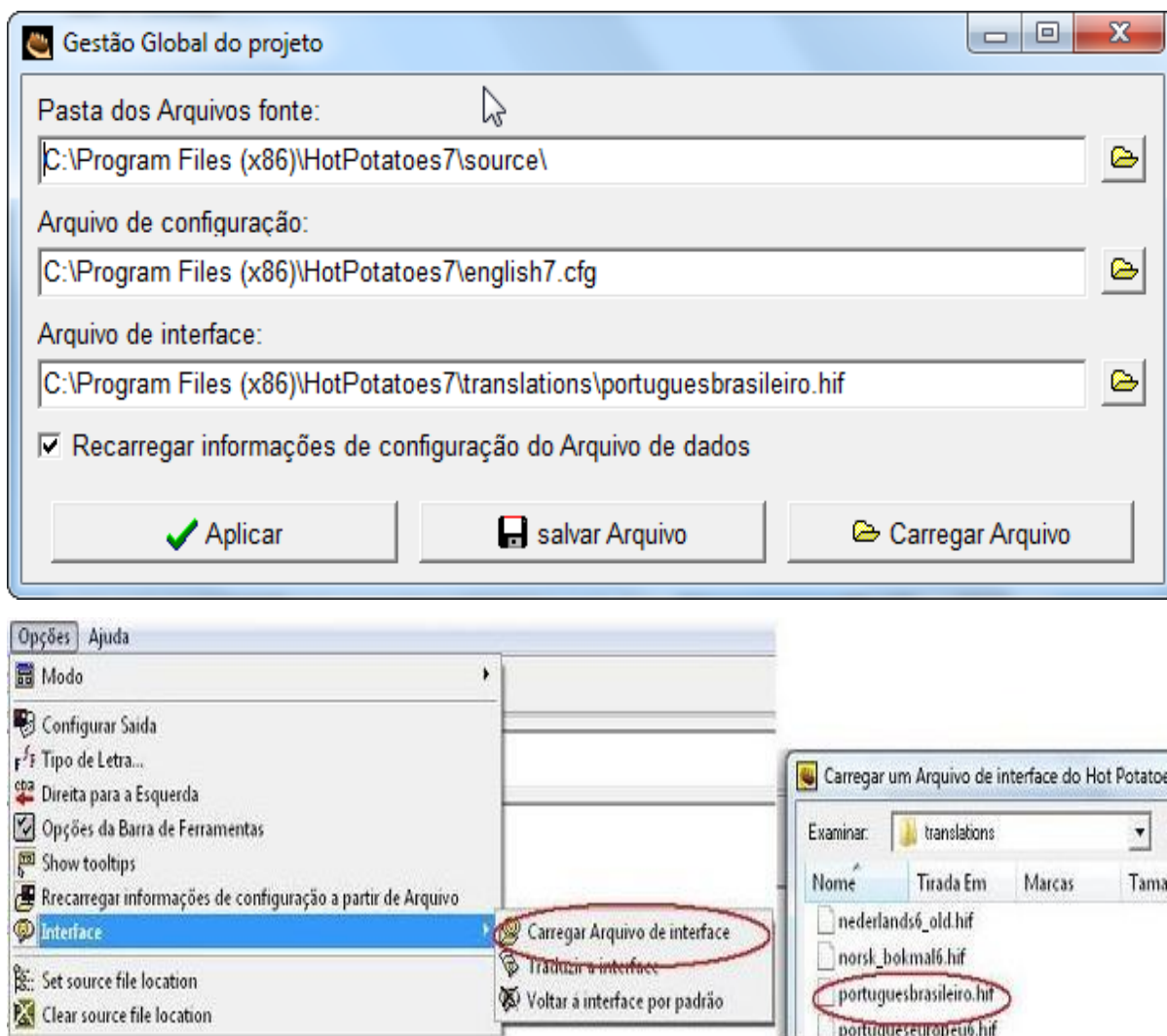


Fonte: https://hotpot-uvic-ca.translate.google/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc

2.1 HOT POTATOES

Para baixar o programa Hot Potatoes, você pode entrar diretamente no site. Ele não é completamente livre, porém pode ser usado gratuitamente por instituições de ensino.

Figura 2 – Configurações dos Aplicativos

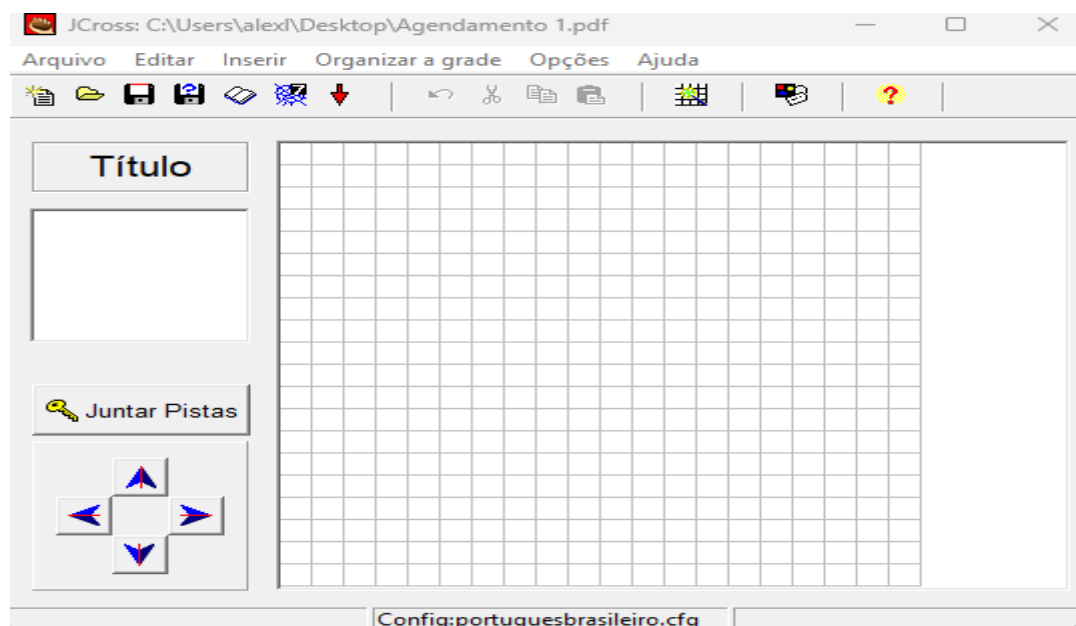


Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

2.2 CONFIGURAÇÕES DOS APLICATIVOS

Ao abrir cada um dos seis aplicativos do Hot Potatoes, você deverá configurar cada uma das interfaces para o idioma português. Acesse a barra **opções** e escolha **interfaces** e depois **carregar arquivo de interface**.

Figura 3 - JCross

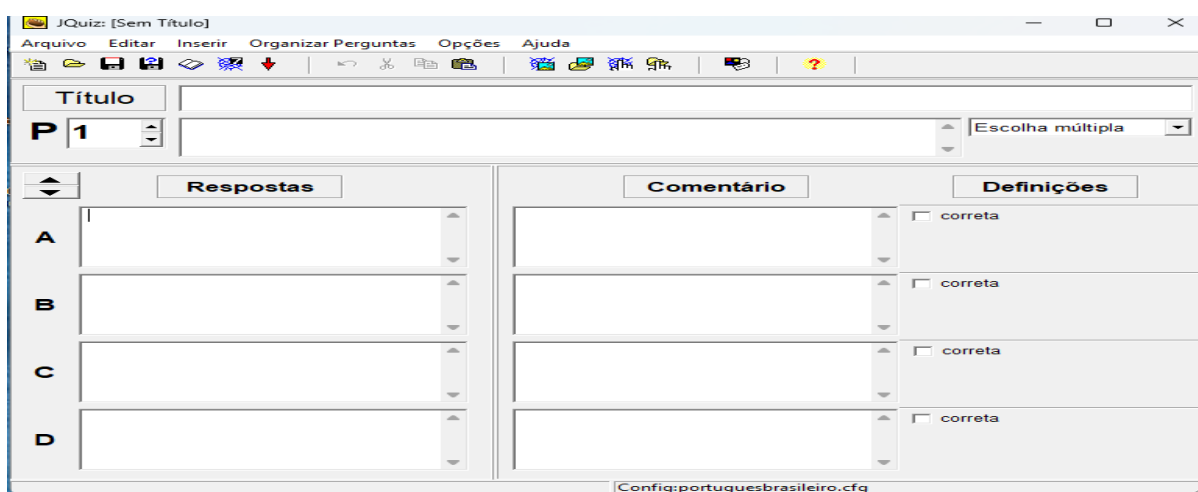


Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

2.3 JCROSS

JCROSS permite elaborar testes na forma de *palavras cruzadas*. Nessa ferramenta, poderá ser anexado textos e imagens de forma interativa, de acordo com o conteúdo trabalhado. O contato com a leitura aos alunos, enriquecerá o vocabulário, a melhora na escrita e trabalhando com a criatividade, estimulando o desenvolvimento dessas habilidades.

Figura 4 - JQuiz

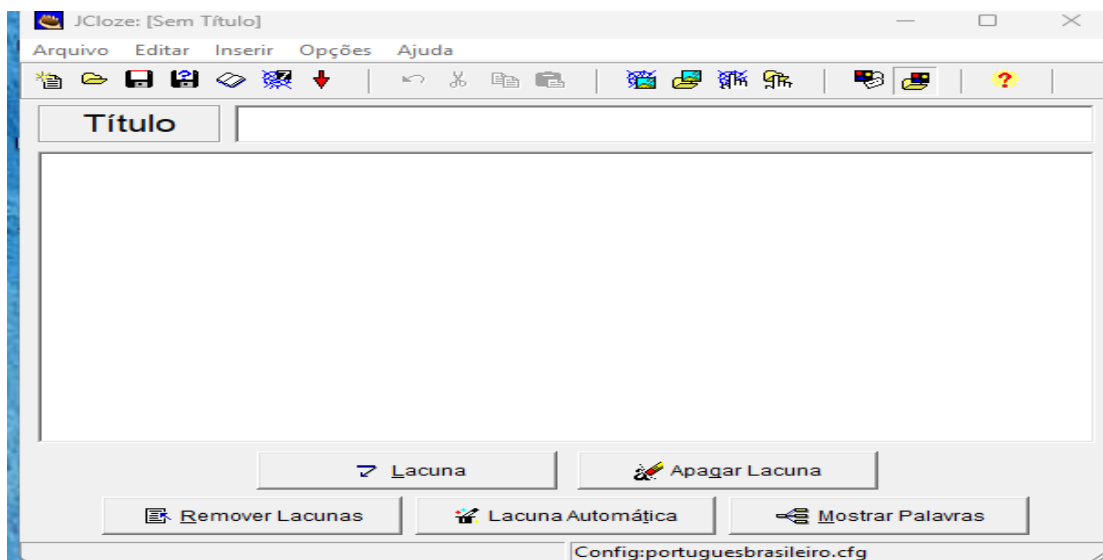


Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

2.4 JQUIZ

Com o JQuiz, você poderá escolher entre 4 tipos de testes: escolha múltipla, respostas curtas, híbrido e seleção múltipla.

Figura 5 - JCloze

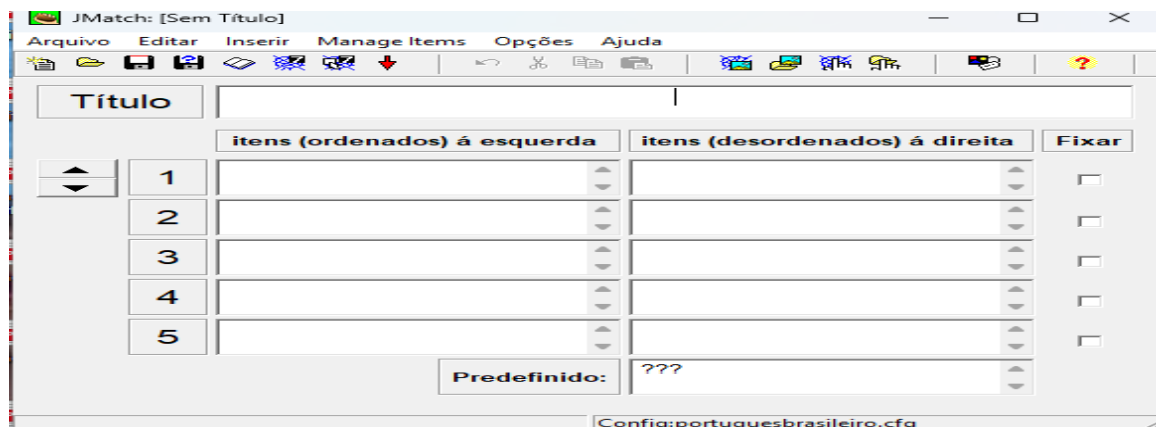


Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

2.5 JCLOZE

JCloze é usado para elaborar exercícios nos quais os alunos deveram preencher lacunas em um texto. A princípio, esse exercício possibilita o preenchimento de lacunas é de que os alunos completem todas as respostas antes de verificar o seu resultado. Ou seja, quando todas as respostas tiverem sido digitadas, o aluno clica no botão "Verificar" para avaliar suas respostas.

Figura 6 - JMatch

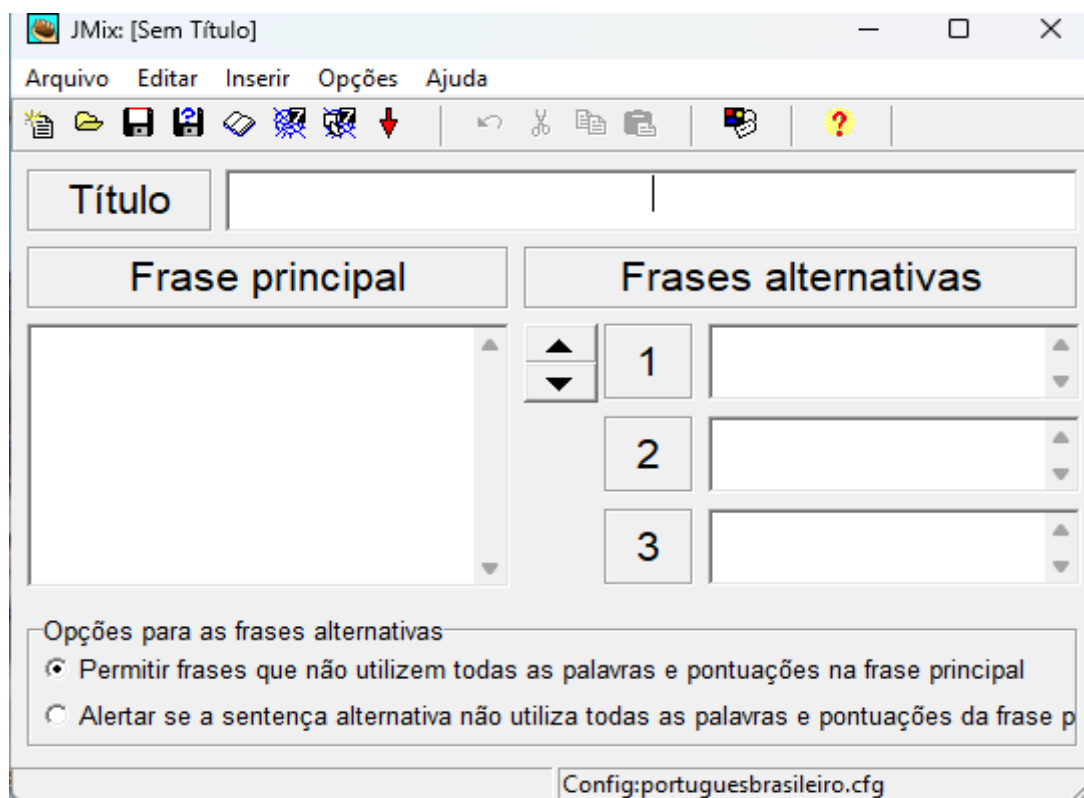


Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

2.6 JMATCH

JMatch é usado para criação de exercícios de associação de palavras ou frases com outras palavras ou frases. Digite as palavras ou afirmações dadas à esquerda e, à direita, as palavras ou frases as quais os alunos deveram combiná-las.

Figura 7 - JMix

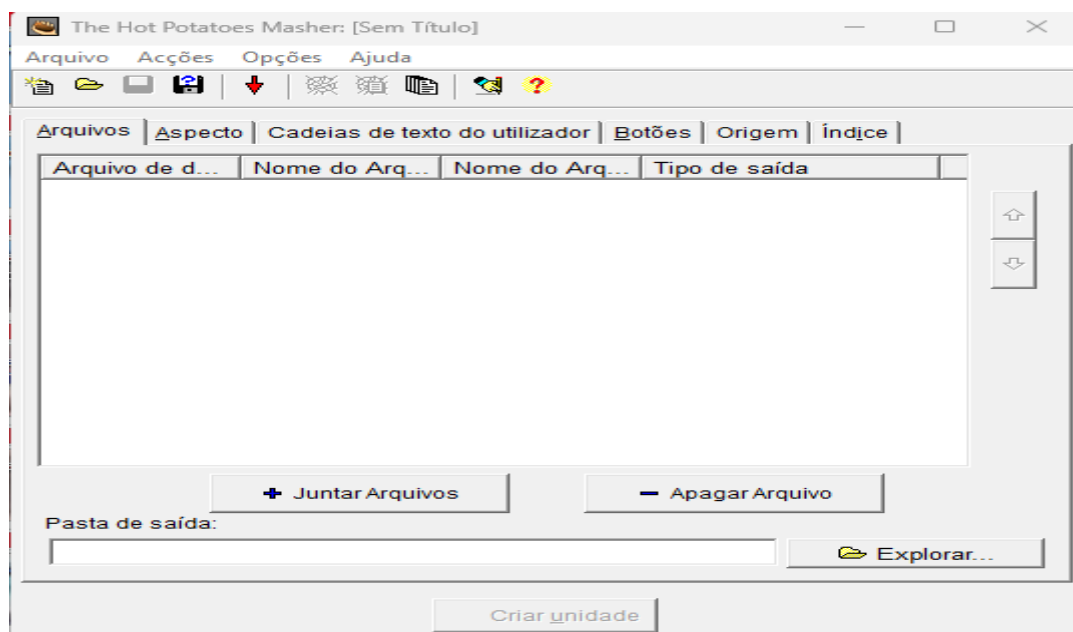


Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

2.7 JMX

JMix oferece a possibilidade de incluir texto de apoio no qual trabalharemos com a ordenação de roteiros, aos quais tem sua ordem preliminarmente definidos.

Figura 8 – The Masher



Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

2.8 THE MASHER

The Masher é usado para criar unidades completas de exercícios Hot Potatoes. Gerando assim, uma sequência de atividades atreladas.

2.9 EXERCÍCIOS FEITOS POR ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II - ANOS FINAIS.

Essas atividades foram elaboradas por alunos do 9ª A, da Escola Estadual Prof. João Pessoa Maschietto, no município de Mogi Guaçu- SP. Nessa temática, trabalhamos a questão da alteridade nos encontros de povos culturalmente diferentes no Império Romano, sobretudo, com populações ibéricas e germânicas.

Figura 9 - Atividades dos alunos

Palavras Cruzadas

Correcto! Bom trabalho!
A sua pontuação é: 89%.

O mundo pré-romano: ibéricos e germânicos, uma leitura sobre alteridade.

Muito se tem discutido acerca dos encontros entre povos com culturas diferentes na Antiguidade. É inegável que a comparação entre identidades distintas pode gerar uma série de confrontos e comparações. Nas narrativas etnográficas antigas, são ressaltadas as características do "outro", com ênfase em aspectos como a religião, a língua, o espectro político, os costumes e até mesmo o convívio social. Sob o olhar de viajantes como Estrabão, Heródoto, Pausânias, entre outros, há a constante comparação quanto aos aspectos culturais. Considerações deste tipo também podem ser lidas nos escritos que retratam os povos da Península Ibérica durante o período de domínio romano. Nota-se, em obras como as de Estrabão e Tácito, a justificativa da necessidade de civilizar os povos "bárbaros", nativos, conquistados pelos romanos (PINTO, 2007, p.234). Não raro, nessas narrativas, pode-se observar que apenas o convívio com os romanos, e suas respectivas instituições sociais e políticas, permitiria o pleno desenvolvimento civilizacional desses povos. Com base nesses preceitos, a presente pesquisa de mestrado discutirá, a partir do conceito de alteridade, o encontro entre os povos ibéricos com os romanos. Para tanto, a pesquisa também proporá uma discussão teórica sobre o assunto, abordando o contexto histórico desses documentos e as particularidades de cada obra estudada.

Vale lembrar que esses estereótipos se relacionam com algumas experiências e testemunhos desses autores viajantes, e, por serem etnocêntricas, estão imbuidas da premissa de trazer "civilidade" à cultura diferente. Estrabão, fala sobre caráter "incivilizado e selvagem dos habitantes nativos do território peninsular". No entanto, o contato romano com o mundo ibérico é apresentado como sendo "algo bom" para esses indivíduos: em virtude disso, teria sido instaurada a "paz" onde até então, segundo Estrabão (Geografia, 2016, p.66) só havia guerra e sel...

romana na região peninsular representa algo positivo para este...

natureza daquela região, podemos ver a admiração e o deslumb...

vasto território. Entretanto, Estrabão sublinha a ideia de que a u...

político-social, se comparado a outras formas de assentamentos...

como "primitivos" (MARQUES, 2018). Logo, Estrabão (Geografia...

da região ao seu progresso civilizacional e político, ou seja, exis...

eventualmente poderiam ser produtivas caso a população "abandonasse seu comportamento...

primitivo" (ESTRABÃO. Geografia, 2016, p.61-66) Estrabão, no entanto, não foi o único escritor antigo...

a se dedicar aos povos nativos das províncias romanas.

Horizontal - 1: Tipos de roupas

Vestimentas

Inserir

Dica

1V

e

s

t

i

m

e

n

t

2a

s

3C

o

s

t

u

m

e

s

4I

b

é

r

i

c

o

s

5c

u

l

t

u

r

a

6g

e

7r

m

â

n

i

c

o

s

o

m

a

n

o

Correcto! Bom trabalho!
A sua pontuação é: 89%.

OK

Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

Figura 10 - Atividades dos alunos

Península Ibérica -Quiz

Questionário

A sua pontuação é: 100%.
Completo o exercício.

QUAL ERA O RÓTULO QUE OS ROMANOS DAVAM AOS POVOS QUE NÃO FALAVAM LATIM?

A. ? Germânicos

B. ? Ibéricos

C. :-) Bárbaros

D. ? Francos

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Figura 11- Atividades dos alunos

Povos germânicos

Exercício de complemento de texto

Escreva nos espaços em branco as palavras adequadas. Clique em "Verificar" para verificar as respostas. Use o botão "Dica" para ver uma letra da resposta se tiver dúvidas. Também pode clicar no botão "[?]" para ver uma Dica. Nota: perderá pontos de cada vez que pedir uma letra ou Dica!

avancadasbárbaroculturaGermâniagermânicosImpério Romano

Eram povos que habitavam o norte da Europa, em uma região conhecida como Os eram formados por diversos povos que, a partir do século III d.C., começaram a migrar e invadir as terras do do Ocidente.

"A palavra surgiu no idioma grego para referir-se a todos os povos que não falavam o idioma grego e não partilhavam da mesma e forma de organização social e política dos gregos. O termo era, portanto, utilizado por eles para expressar seu desprezo pelas culturas alheias, indicando que elas não eram o suficiente."

Verificar

Dica

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Figura 12- Atividades dos alunos

Povos ibéricos, germânicos e romanos

Exercício de correspondência

A sua pontuação é: 100%.
Correto! Bom trabalho.

Verificar

germânicosbárbaros:-)
ibéricosPenínsula Ibérica:-)
romanosImpério Romano:-)
etnocentrismovisão do "outro":-)
culturaconjunto de tradições:-)

Verificar

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Figura 13- Atividades dos alunos

Conceito de cultura
Exercício de ordenação de frases.

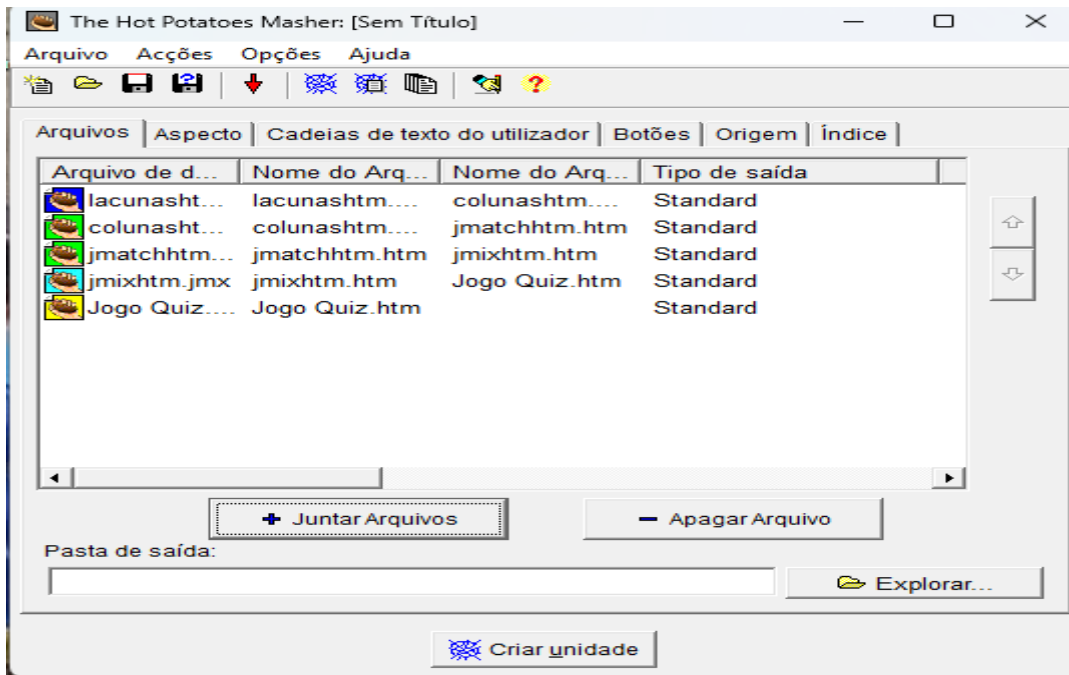
A sua pontuação é: -34%.

Como dissemos, cultura é um conceito amplo. Ela se refere ao conjunto de tradições – religião, arte, culinária, costumes – e conhecimentos de um povo, de uma região ou de uma nação. Usamos essa palavra para descrever o conhecimento humano adquirido por meio da razão e do senso estético.

Muito bem!

Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

Figura 14- Atividades dos alunos



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Diante do exposto, o uso dessa importante ferramenta é demasiadamente intuitivo. Basta o docente escolher o tipo de exercício que será trabalhado em aula e enviar a página para o servidor através de um link. A lista contém seis ferramentas destacadas em:

J Mix- determina o objeto principal de uma frase.

J Cross- podem elaborar palavras cruzadas.

J Cloze- cria exercícios de lacunas para serem preenchidas.

J Quiz- cria questionários de múltiplas escolhas, de verdadeiro/falso ou resposta curta.

J Match- associa em pares ou ordena frases de exercícios.

J Masher- junta os exercícios e cria uma página com conexões entre todas as atividades.

Certamente, estes programas, assim como outros, oferecem imensas vantagens e algumas desvantagem que serão expostas e analisadas nesta pesquisa.

Por sua vez, a principal vantagem é a maneira como essa ferramenta se projeta. Com um pouco de conhecimento em HTML, poderá mudar tudo o que deseja na lista de exercícios no formato da página. Outro ponto importante, por se tratar de um software interativo o discente recebe o *feedback* dos trabalhos que foram realizados, o que, geralmente, é algo que auxilia no engajamento dos alunos. Dessa forma, o professor poderá elaborar materiais interativos, e o mais importante, a conexão com a interdisciplinariedade, podendo ser utilizado nas salas, independente da matéria.

No entanto, algumas dificuldades podem ser apresentadas no âmbito escolar. Nesse aspecto, é fundamental que órgãos do Estado, invistam em equipamentos de qualidade, com suporte e estratégias que se comprometam a alinhar aos objetivos e demandas pedagógicas. Embora a maioria das escolas do Estado de São Paulo, tenham equipamentos e acesso a internet. Sabemos que a realidade de muitas instituições de ensino do Brasil, ainda passam por situações críticas, principalmente, escolas rurais, áreas indígenas e quilombolas. Essas regiões mais abastadas com menor instrutura, ainda perpetuam com dificuldades passadas e que persistem com obstáculos e comprometem com o uso eficaz de tecnologias ativas. É lícito dizer, que a realidade dessas escolas não compromete a competências e as habilidades dos alunos. Essa é uma pesquisa que observa os fatos com estudos de caso, sabendo que é preciso um esforço coletivo, que envolva investimentos em infraestrutura, capacitação docente, políticas públicas de qualidade e a inclusão de todas a pessoas envolvidas no processo pedagógico. Essa abordagem apenas evidencia que essas transformações podem ser graduais, mas sabedores dos desafios para uma educação equitativa e inclusiva.

PARTE II
O MUNDO PRÉ ROMANO: IBÉRICOS E GERMÂNICOS, UMA LEITURA
SOBRE A ALTERIDADE

RESUMO

Em geral, a temática sobre o Império Romano é elaborada e desempenhada no Ensino Fundamental- Anos Finais. Frequentemente, esse conteúdo tende a aguçar o aprendizado dos discentes, tratando conceitos e diferentes formas de analisar o contato de populações tão distintas. Esta pesquisa discute a Romanização na Península Ibérica a partir dos escritos de Estrabão em diálogo com o conceito de alteridade. Por meio da leitura da obra do geógrafo em questão a respeito da cultura e dos costumes dos povos nativos do território ibérico, mas também outros grupos sociais ali instalados, espera-se evidenciar as parcialidades e o etnocentrismo apresentado por esta fonte. Pretende-se, também, elaborar uma comparação com a obra *Germania*, de Tácito, e seus relatos a respeito dos primeiros habitantes do território germânico conquistado pelos romanos na Antiguidade. Acreditamos que a leitura comparativa dessas obras favorecerá a percepção de elementos que favorecem o contraste, a comparação antiga entre os chamados povos ‘civilizados’ e ‘bárbaros’.

Palavras-chave: alteridade; ibéricos; germânicos; romanização; península ibérica; etnocentrismo; império romano.

RESUMEN

En general, la temática sobre el Imperio Romano se elabora y lleva a cabo en la Educación Primaria - Últimos Años. A menudo, estos contenidos tienden a agudizar el aprendizaje de los estudiantes, tratando conceptos y diferentes formas de analizar el contacto de poblaciones tan diferentes. Para ello, esta investigación analiza la romanización en la Península Ibérica a partir de los escritos de Estrabón y en diálogo con el concepto de alteridad. De la lectura de la obra del geógrafo en cuestión respecto a la cultura y costumbres de los pueblos originarios del territorio ibérico, pero también de otros grupos sociales allí instalados, se espera resaltar los sesgos y etnocentrismo que presenta esta fuente. Se pretende también establecer una comparación con la obra *Germania*, de Tácito, y sus relatos sobre los primeros habitantes del territorio germánico conquistado por los romanos en la Antigüedad. Creemos que la lectura comparada de estas obras favorecerá la percepción de elementos que favorecen el contraste, la antigua comparación entre los pueblos llamados “civilizados” y “bárbaros”.

Palabras-Lave: alteridad; íberos; germánico; romanización; península ibérica; etnocentrismo; imperio romano.

ABSTRACT

In general, the theme about the Roman Empire is elaborated and carried out in Elementary School - Final Years. Often, this content tends to sharpen students' learning, dealing with concepts and different ways of analyzing the contact of such different populations. For the purpose, this research discusses Romanization in the Iberian Peninsula based on Strabo's writings and in dialogue with the concept of otherness. By reading the work of the geographer in question regarding the culture and customs of the native peoples of the Iberian territory, but also other social groups installed there, it is expected to highlight the biases and ethnocentrism presented by this source. It is also intended to draw up a comparison with the work *Germania*, by Tacitus, and his reports about the first inhabitants of the Germanic territory conquered by the Romans in Antiquity. We believe that the comparative reading of these works will favor the perception of elements that favor the contrast, the ancient comparison between the so-called 'civilized' and 'barbarian' peoples.

Keywords: otherness; iberians; germanic; romanization; iberian peninsula; ethnocentrism; roman empire.

3 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido acerca dos encontros entre povos com culturas diferentes na Antiguidade. É inegável que a comparação entre identidades distintas pode gerar uma série de confrontos e comparações. Nas narrativas etnográficas antigas, são ressaltadas as características do “outro”, com ênfase em aspectos como a religião, a língua, o espectro político, os costumes e até mesmo o convívio social. Sob o olhar de viajantes como Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), Heródoto, Tácito (Andrade, 2011), Pausânias, entre outros, há a constante comparação quanto aos aspectos culturais. Considerações deste tipo também podem ser lidas nos escritos que retratam os povos da Península Ibérica durante o período de domínio romano.

Nota-se, em obras como as de Estrabão (Deserto; Pereira, 2016) e Tácito (Andrade, 2011), a justificativa da necessidade de civilizar os povos “bárbaros”, nativos, conquistados pelos romanos (Pinto, 2007, p. 234). Não raro, nessas narrativas, pode-se observar que apenas o convívio com os romanos, e suas respectivas instituições sociais e políticas, permitiria o pleno desenvolvimento civilizacional desses povos. Com base nesses preceitos, a presente pesquisa de mestrado discutirá, a partir do conceito de alteridade, o encontro entre os povos ibéricos com os romanos. Para tanto, a pesquisa também proporá uma discussão teórica sobre o assunto, abordando o contexto histórico desses documentos e as particularidades de cada obra estudada.

De antemão, pode-se observar que a presença romana na Península Ibérica é destacada, “justificada”, por Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), sob a suposta necessidade de civilizar os povos bárbaros daquele território. Ao citar os habitantes da região peninsular, sobretudo de modo particular, o autor da *Amásia* deixa explícito sua comparação etnocêntrica. No capítulo da *Geografia* destinado ao território ibérico, Estrabão (Deserto; Pereira, 2016) propõe a seguinte comparação: “Todos os habitantes das montanhas são frugais, bebem água, dormem no chão, deixam o cabelo cair pelas costas abaixo à maneira das mulheres, mas combatem cingindo as fronteiras com uma fita” ((Deserto; Pereira, 2016, p. 63-64).

Vale lembrar que esses estereótipos se relacionam com algumas experiências e testemunhos desses autores viajantes, e, por serem etnocêntricas, estão imbuídas da premissa de trazer “civilidade” à cultura diferente. Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), fala sobre caráter “incivilizado e selvagem dos habitantes nativos do território peninsular”. No entanto, o contato romano com o mundo ibérico é apresentado como sendo “algo bom” para esses indivíduos: em virtude disso, teria sido instaurada a “paz” onde até então, segundo Estrabão (Deserto; Pereira, 2016, p.66) só havia guerra e selvageria. É lícito dizer que a invasão romana na região

peninsular representa algo positivo para este autor. Por exemplo, quando ele cita a natureza daquela região, podemos ver a admiração e o deslumbre sobre as riquezas naturais desse vasto território. Entretanto, Estrabão (Deserto; Pereira, 2016) sublinha a ideia de que a urbanização sinalizaria a civilização político-social, se comparado a outras formas de assentamentos humano, por ele caracterizados como “primitivos” (Pereira, 2018). Logo, Estrabão (Deserto; Pereira, 2016, p.76) associa a prosperidade da região ao seu progresso civilizacional e político, ou seja: existe profundas zonas férteis, que eventualmente poderiam ser produtivas caso a população “abandonasse seu comportamento primitivo” (Deserto; Pereira, 2016, p. 61-66) Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), no entanto, não foi o único escritor antigo a se dedicar aos povos nativos das províncias romanas.

Outro personagem que servirá como referência para esta pesquisa é o senador romano Cornélio Tácito (55 d.C. – 120 d.C.) (Andrade, 2011), autor do livro *Germânia*. Em meio à sua narrativa sobre o seu encontro com os povos germânicos, Tácito, cuja obra não se debruçou sobre a Península Ibérica, utiliza referenciais comparativos, de alteridade, para pensar os povos que antecederam à chegada dos romanos. Ao observar algumas características e costumes desses nativos, Tácito (Andrade, 2011), em sua etnografia, faz menção até mesmo ao processo de domesticação dos cavalos por parte dos povos germânicos.

O relato de Tácito (Andrade, 2011) sobre os povos germânicos, também realizado em comparação com a própria sociedade romana de seu tempo, congrega elementos diversos sobre a vida social e quotidiana. Em geral, trata-se de um exercício de descrição da alteridade análogo àquele proposto por Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), ainda que Tácito (Andrade, 2011) se refira aos povos germânicos, também, para fazer uma crítica a seus contemporâneos romanos, como é possível observar no exemplo a seguir:

Possuem escravos, que não são como é nosso costume, designados para serviços domésticos. Cada um governa sua casa e moradia. O senhor demanda dele, como de um colono, uma quantidade de grãos, animais ou vestes, e o escravo é bastante obediente. A esposa e os filhos realizam os demais afazeres do lar. Bater em um escravo e castigá-lo com trabalho e amarras é raro: costumam matá-los, não por disciplina ou rigor, mas por impulso e raiva, como a um inimigo, fora isso não há punição (Andrade, 2011, p. 35).

Outro aspecto interessante levantado por Tácito (Andrade, 2011) diz respeito à composição étnica dos povos da *Germânia*. Trata-se de um exercício comparativo com os próprios romanos, marcados por profunda diversidade: as descrições etnográficas, com efeito, carregam uma descrição sobre as características físicas e eventualmente psicológicas dos povos a que fazem menção. Pode-se imaginar sob quais conceitos o trecho a seguir foi lido pelo nazismo alemão na primeira metade do século XX:

Eu próprio concordo com aqueles que julgam que os povos da Germânia não se mesclaram, por meio do casamento, com outras nações, dada a peculiaridade, pureza e tamanha similaridade de sua gente. Até o aspecto de seus corpos, embora haja um grande número de pessoas, é igual em todos: olhos azuis e ameaçadores, cabelos ruivos, corpanzís vigorosos somente ao embate; não com a mesma firmeza suportam o trabalho e os afazeres e muito menos toleram a sede e o calor intenso, mas graças ao clima e ao terreno habituaram-se ao frio e à fome (Andrade, 2011, p.13-14).

4 ALTERIDADE NO IMPÉRIO ROMANO

Por esta pesquisa lidar com o conceito de alteridade, recorreremos aos estudos do conceituado historiador francês Francois Hartog, em sua obra *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro* (1999). Seu livro examina inúmeras fontes literárias que dão testemunho da consciência da alteridade, desde o período arcaico das cidades gregas. Sua principal contribuição, no entanto, diz respeito à análise da obra historiográfica de Heródoto e suas considerações sobre os povos que narra em suas histórias. Como salientou Hartog: “Dizer o outro é anunciá-lo como diferente” (Hartog, 1999, p. 229). Ou seja, com o objetivo de falar sobre o outro, forma-se a retórica da alteridade. Segundo Hartog (1999), as antigas narrativas de viagens são marcadas pela visão daquilo que “eu” vejo do “outro”, com os olhos da minha própria cultura. Essa característica se faz presente em Heródoto, mas também nos escritos de Pausânias, Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), Tácito, entre outros.

Hartog (1999) cita o problema da inversão, e que passa a alteridade que reproduz como ele chama de “antipróprio”. No entanto, com essa premissa de inversão, segundo o autor, o escrito sobre um outro povo: “*constrói uma alteridade transparente para o ouvinte ou leitor*” (Hartog, 1999, p. 230). Portanto, nessa conotação não existe mais narradores de um grupo e nativos de outro, o que, existe na verdade é a chamada inversão de grupos. Nesse ponto, entende-se que o narrador seja uma figura privilegiada em seu discurso utópico, ou seja, falar de si próprio, com uma subjetividade etnocêntrica.

Em suma, essa pesquisa pretende analisar a *Geografia* de Estrabão (Deserto; Pereira, 2016) e a *Germânia* de Tácito (Andrade, 2011) com base nas ferramentas metodológicas (tradução, comparação, diferença, identidade e inversão) propostas pelo historiador francês Francois Hartog (1999). Esses documentos registram narrativas que foram produzidas a partir da fabricação do “eu” sobre o “outro”. Como textos de base, discutiremos o conceito de “romanização” a partir dos estudos de Renato Pinto (2007). Nessa empreitada, discutiremos também conceito de *Humanitas*, que segundo o autor, era um fator identitário utilizado pelos romanos para diferenciar o “bárbaro” do “civilizado”, como podemos ver a seguir: “*Humanitas* também servia para diferenciar o homem selvagem do passado distante daquele que havia tomado contato com a arte e as ciências clássicas, sendo apresentada então, como uma evolução humana” (Pinto, 2007, p. 237 - Grifos do autor).

Sendo assim, o conceito de *Humanitas* descreve a cultura predominantemente humanística, sobretudo cosmopolita e universal, veiculada pelos romanos: é a partir dela que

serão tecidas as inúmeras comparações com os outros povos que habitavam o Mediterrâneo Antigo. Em todos os casos, esta dissertação de mestrado pretende analisar, comparar, como dois autores diferentes, Tácito (Andrade, 2011) e Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), descreveram (sob o signo da alteridade) distintos povos pelos romanos conquistados: germânicos e ibéricos.

5 PRESENÇA GREGA NA PENÍNSULA IBÉRICA

Dominguez Monedero fala sobre os povos ibéricos nos tempos remotos, pré-romanos, que contaram com a presença da cerâmica grega, no período que ele descreve como Ibérico antigo. Ele descreve sobre o que seria uma homenagem ao Dr. Emeterio Cuadrado, principal responsável pelas escavações desses depósitos (Dominguez Monedero, 2002, pág. 190). No entanto, ele ressalta suas implicações e análises que datam a partir do final do século VII a.C, quando os gregos talham as primeiras explorações no Extremo Ocidente, assim como narra Heródoto. (Dominguez Monedero, 2002, pág. 191).

Em seguida, ele destaca a cidade de Huelva (antiga Onoba, ficava entre os rios Tinto e Odiel). Essa seria um grande ponto de partida portuárias destacadas naquela região. Além disso, essas transações econômicas que ocorriam nesse período, entre gregos e fenícios, juntamente com os indígenas tartésicos (Dominguez Monedero, 2002, pág. 191). Contudo, essas escavações em sítios situadas em Huelva, relata uma cerâmica grega encontradas em áreas urbanas, com estruturas de armazenamentos, sobretudo, com significados religiosos (Dominguez Monedero, 2002, pág. 192).

Subitamente, na opinião do autor, essas cerâmicas gregas achadas até agora em Huelva, é uma confirmação das trocas com a população indígena dessa cidade. Ademais, esse deferimento estabelece a utilização dessa área por parte dos gregos, determinando como território religioso e cultural, dentro dessas atividades comerciais (Dominguez Monedero, 2002, pág. 192). É lícito dizer, que Huelva, não foram encontradas necrópoles com representações que datam o século VI a.C. No entanto, alguns fragmentos de uma xícara jônia em um tumulo que foi escavado em 1979 (Dominguez Monedero, 2002, pág. 193).

Outro aspecto interessante, são os fatos de algumas situações distintas a essa cidade de Huelva. Como por exemplo, nos três primeiros quartos do século VI a.C. As constantes viagens dos gregos as costas da Ibéria, predominou a evidência de vários produtos gregos que começaram a ser encontrados em diferentes áreas, tantas indígenas como fenícios (Dominguez Monedero, 2002, pág. 193). Um dos produtos que mais se sobressaiu é a xícara jônia, 60% desses produtos foram encontrados em depósitos com data dessa época. Desse modo, esses produtos gregos foram encontrados tanto em território de famílias, como em necrópoles (Dominguez Monedero, 2002, pág. 193).

Por outro lado, o presente artigo, destaca-se sobre outro centro indígena, Ullastret, que apresenta um cenário discrepante do que vimos até agora. Nesse aspecto, o centro indígena, e

alguns depósitos, nos mostra a presença marcante da cerâmica grega, encontradas em qualquer outra área indígena na Península Ibérica, com ressalvas a cidade de Huelva (Dominguez Monedero, 2002, pág. 194).

Dominguez menciona sobre a principal importância de algumas tumbas raras, que foram encontradas fora das Ampurias. A priori, elas datam aproximadamente na primeira metade e meados do século IV. Era habitual encontrar armas em torno dessas urnas: escudos, lanças etc. (Dominguez Monedero, 2002, pág. 199). Vale lembrar, que a necrópole de Cabezo Lucero, mostra a datação de alguns povos que viveram entre finais do século VI e a primeira metade do século V. Portanto, a cerâmica grega esteve sempre presente em depósitos, com pouquíssimos modelos (Dominguez Monedero, 2002, pág. 199). Ao analisarmos a presença dessas armas encontradas nas tumbas das necrópoles de Cabezo Lucero, podemos notar que esses indivíduos exerciam funções dominantes naquela sociedade. Contudo, algumas tumbas que datam a partir do século IV, destacam-se as cerâmicas gregas mais ricas nas necrópoles, naquele determinado período (Dominguez Monedero, 2002, pág. 200).

6 ACULTURAÇÃO NO PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO

Em princípio, é preciso discorrer sobre o processo de aculturação no âmbito da romanização da Península Ibérica. Nesse aspecto a aculturação introduz seu conceito que esbarra sobre sociedades civilizadas superiores, perante populações bárbaras e inferiores (Funari; Garrafoli, 2019, p. 248). Tais resultados, classificaram esse processo em algumas possíveis apurações, que determinaram o encontro cultural de povos tão distintos (Funari; Garrafoli, 2019, p. 248).

A priori, o primeiro impacto dessa aculturação obteve algumas metodologias relevantes para a historiografia de modo geral. A aceitação, por exemplo, é resultante da conquista da maior parte de uma cultura e pela perda considerável da antiga herança cultural (Funari; Garrafoli, 2019, p. 249). Não raro, essa absorção cultural, mudaram de forma significativa os padrões comportamentais desses povos. Principalmente, valores específicos da cultura com a qual eles passavam a ter um maior convívio (Funari; Garrafoli, 2019, p. 249).

Outro fator importante, no quesito da aculturação dessa população é a adaptação. Ou seja, essas combinações culturais, tanto a originária, quanto a estrangeira, derivam de uma harmonia com os indivíduos envolvidos (Funari; Garrafoli, 2019, p. 250). Essa convivência com culturas diferentes, não obtêm conflitos significativos e sua simetria é endossada na vida cotidiana dessas sociedades (Funari; Garrafoli, 2019, p. 250).

Por último, como consequência desses encontros, está a reação. Ela surge com movimentos contra-aculturativos, devido a coerção sofrida por povos originários ao longo do contexto histórico (Funari; Garrafoli, 2019, p. 250). Estes movimentos vão se configurando como uma forma de resistência dessas populações, na medida em que foram marcadas por uma inferioridade imposta ou assumida (Funari; Garrafoli, 2019, p. 250).

Frequentemente, alguns movimentos sociais criticaram esses processos de forma permanente e insistente. Esses grupos sociais enfrentaram todos os desafios sobre a homogeneidade, as divisões entre superior e inferior e civilizado e bárbaro (Funari; Garrafoli, 2019, p. 250). Dessa maneira, com um abrangente alcance, esses movimentos apresentaram o entendimento das sociedades de forma heterogênea e conflitiva (Funari; Garrafoli, 2019, p. 250).

Em suma, os aspectos de povos excluídos devido a tentativa de reconhecer as diferentes visões que foram negadas ao longo da história e da arqueologia romana, pode resultar em um instrumento político útil para confrontar a historiografia tradicional. Essas

concepções e subjetividades são encontradas de forma caracterizada em normas da sociedade contemporânea (Funari; Garrafoli, 2019, p. 251).

7 PROCESSO CONSTRUTIVO DOS CONCEITOS DE NAÇÕES

Nessa obra, o historiador medievalista norte-americano Patrick J. Geary (2005), tem a finalidade de deliberar cronologicamente documentos históricos que foram usados para construir um conceito de nação. Eventualmente, no terceiro capítulo do livro que fala sobre “Bárbaros e outros romanos”, destaca-se as principais relações entre povos romanos e povos considerados bárbaros no início do século I ao V (Geary, 2005, p. 85). O autor ressalva sobre a construção de uma identidade constitucional e ética, caracterizada muitas vezes por suposições como: costumes culturais, linguísticos, religiosos, cultural material e imaterial, etc.

Os romanos chamavam as unidades sociais de seus vizinhos bárbaros de *gentes* (em grego, *ethne*), “povos” e lhes atribuíram todas as características imutáveis que haviam sido como já vimos, parte da etnografia clássica desde Heródoto. O que esses grupos realmente eram, quais eram, suas próprias auto-identidades ou “consciência étnica”, se é que havia uma, é algo que não podemos saber com precisão. Entretanto, observando esses grupos pelo olhar de seus vizinhos romanos, podemos chegar a conclusões contrárias às de seus contemporâneos “civilizados” (Geary, 2005, p. 86).

Outro fator importante que o autor enfatiza é, sobre a relação dos romanos com povos escravizados. Haja visto que, nesse processo de romanização, pelo menos na teoria, que o escravo tivesse acesso ao cargo de senador romano (Geary, 2005, p. 88).

Durante a prolongada crise do século III, a ascensão, geralmente por meio de serviço militar, era mais do que uma possibilidade remota: o próprio imperador Diocleciano era filho de um escravo dalmaciano, emancipado. O sucessor de Diocleciano, Galério (305-311, também era de origem humilde: fora guardador de rebanhos nos montes Cárpatos (Geary, 2005, p. 88).

O autor chama a atenção sobre o dinamismo político que provocava mudanças significativas nos costumes desses povos. Nesse sentido, é factível reconhecer as condições e regras de domínio romano que impactaram diretamente na cultura, religião e até no sistema linguístico dessa população estabelecida em um tipo de território. É lícito dizer, que essa “fusão” de características moldaram a conjuntura e a emancipação política dessa região de domínio romano (Geary, 2005, p. 90).

PARTE III
QUESTÕES METODOLÓGICAS

8 ENSINO DE HISTÓRIA

Segundo minha proposta de pesquisa: O mundo pré-romano: ibéricos e germânicos, uma leitura sobre alteridade, dispõe uma discussão sobre a romanização na Península Ibérica. A priori, usarei obras e fontes antigas, que são extremamente fundamentais para o debate. Por exemplo, o importante geógrafo da antiguidade Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), em sua obra, *Geografia*. Em comparação com outra obra *Germânia*, de Tácito (Andrade, 2011), senador romano (55 d.C. – 120 d.C.), que obteve encontros com povos germânicos. Assim, outros autores da historiografia irão contribuir com suas obras apresentando diálogos e narrativas pertinentes sobre o assunto. É o caso do renomado historiador francês Francois Hartog, em sua obra: *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a apresentação do outro* (1999). Autores da historiografia contemporânea brasileira, como Susana Hora Marques Pereira (2018), que ajudou com seu artigo: *Representações da alteridade em Estrabão: a dicotomia bárbara/civilizado no livro III da Geografia*, e o artigo de Renato Pinto (2007): *O impulso de romanizar*. Vale lembrar que esses estereótipos se relacionam com algumas experiências e testemunhos desses autores viajantes, e, por serem etnocêntricas estão imbuídas da premissa de trazer “civilidade” à cultura diferente. Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), fala sobre caráter “incivilizado” e selvagem dos habitantes nativos do território peninsular.

Em suma, esta pesquisa pretende analisar, comparar como dois autores diferentes, Tácito (Andrade, 2011) e Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), descreveram (sob o signo da alteridade), distintos povos conquistados pelos romanos. Neste caso, os textos de base citados acima, tem o propósito de tencionar o contraste, a comparação antiga entre os chamados povos “civilizados e bárbaros”. Não raro, nessas narrativas, pode-se observar que apenas o convívio com os romanos, e suas respectivas instituições sociais e políticas, permitiria o pleno desenvolvimento civilizacional desses povos. Com base nesses preceitos, a presente pesquisa de mestrado discutirá, a partir do conceito de alteridade, o encontro entre os povos ibéricos com os romanos. Para tanto, a pesquisa também proporá uma discussão teórica sobre o assunto, abordando o contexto histórico desses documentos e as particularidades de cada obra estudada.

Primordialmente, pensando em desenvolver alternativas com maior relevância entre o ensino de História e o período destinado ao Império Romano. Apontando a romanização na Península Ibérica, com o crivo da alteridade. Há tempos, a historiografia apresenta-nos de forma contundente esse encontro entre romanos e ibéricos. Na sua maioria acreditam-se que julgar e criticar a moral dos nativos sob “olhar cultural” da sua essência, pode ser uma maneira de

mostrar superioridade dos povos dominantes. Considerando como elemento de apoio para a produção do objeto de aprendizagem, podemos comparar diferentes narrativas etnográficas antigas, que são ressaltadas as características do “outro”, com ênfase em aspectos como religião, a língua, o espectro político, os costumes e até mesmo o convívio social. Sob o olhar de viajantes como Tácito (Andrade, 2011), Estrabão (Deserto; Pereira, 2016), Heródoto, Pausânias, entre outros, há constante comparação quanto aos aspectos culturais. Considerações desse tipo também pode ser lida nos escritos que retratam os povos da Península Ibérica, durante o período de domínio romano.

Nesse sentido, a plataforma Hot Potatoes será de fundamental importância para o planejamento e a estratégia no desenvolvimento de um mix de jogos interativos, esboçando modelo dinâmico e fortalecendo o aprendizado dos alunos. Esse software permite elaborar de maneira muito fácil, testes interativos que podem ser incorporados na internet. Seguindo essa linha de pensamento, é usual, por exemplo, que essa ferramenta seja utilizada em outras habilidades e conteúdo. Sendo assim, não ficará direcionada apenas ao período do Império Romano.

Esse objeto de aprendizagem proporciona uma introdução fascinante às temáticas diversificadas e interdisciplinares. Nesse aspecto, a aproximação do discente, juntamente como os temas abordados, propicia um melhor entendimento do assunto em questão. Ele oferece uma dinâmica participativa, com o uso da tecnologia, sobretudo no âmbito pedagógico. De modo geral, ele poderá ser utilizado não apenas por alunos do Fundamental II- Anos Finais, mas também por docentes de diversas áreas do conhecimento da Educação Básica.

Pensando nisso, com um mundo cada vez mais voltado para o digital, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) aborda a importância de novos recursos digitais no processo de ensino-aprendizagem. Não obstante, é imprescindível para o docente a utilização de materiais tecnológicos na competência “cultura digital”, atrelado a didática dos professores no mundo contemporâneo. Nesse contexto, o termo cultura digital na BNCC infere:

A construção de uma atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais, aos usos possíveis das diferentes tecnologias e aos conteúdos por elas veiculados e, também, à fluência no uso da tecnologia digital para a expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica (Brasil, 2018, p. 474).

Entretanto, as transformações sociais ocasionadas pela cultura digital e sua conformidade, traz aspectos informais, sobretudo para o docente, conversando com diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, os professores necessitam lidar com variadas

informações em distintos suportes, e isso produz demandas essenciais para transformar as informações em conhecimento digital.

Por conseguinte, a autora Anita Lucchesi (2014), em seu artigo: *Por um debate sobre História e Historiografia Digital*, fala da “era digital” e como a humanidade tem lidado com diferentes informações, de modo geral, não apenas no espaço acadêmico (Lucchesi, 2014, p. 2). É lícito dizer, sobre o imediatismo e seu efeito surgindo com as informações do Google, mostra como a população tem buscado esclarecimentos para a vida (Lucchesi, 2014, p. 3).

Outro ponto importante, foi a chamada transição do analógico para o digital, em comparação com a passagem da tradição oral para tradição escrita, criam-se formas de pensar e divulgar informações (Lucchesi, 2014, p. 3). Não raro, as possibilidades de uma escrita história digital emergiram como objeto de estudo para alguns historiadores no Estados Unidos (Digital History) e na Itália (Storiografia Digitale) (Lucchesi, 2014, p. 4).

A priori, é preciso ressaltar que estamos vivendo a revolução dos meios digitais sem ao menos termos desenvolvido as competências necessárias para navegar criticamente e avaliar e criar informações utilizando os mecanismos hoje disponíveis. (Lucchesi, 2014, p. 6).

Eventualmente, a comunidade acadêmica tem buscado meios através de um processo de letramento digital inclusivo. Além disso, François Hartog (1999), junto com Fernand Braudel, fala sobre toda uma geração atravessa o tempo de uma revolução intelectual sem participar dela. (Lucchesi, 2014, p. 8). Nesse sentido, estamos passando por um processo de transformações digitais cada vez mais inclusiva em todos os âmbitos da sociedade. Invariavelmente, as pessoas têm buscado meios digitais para informações necessárias para o cotidiano, sem perceber que aos poucos a transição para o mundo digital já foi colocado em prática. Variadas são as hipóteses sobre a necessidade de incluir a História e Historiografia Digital na Academia Brasileira. Provavelmente, o uso de ferramentas digitais em trabalhos de áreas de concentração como Medieval e Moderna (Lucchesi, 2014, p.10). Em suma, em todas as áreas do saber, partilhamos a necessidade da pesquisa documental, da análise de fontes e da escrita (Lucchesi, 2014, p. 11).

Com o intuito de falar sobre a história digital no Brasil, o autor Thiago Lima Nicodemo, Rota e Marini (2022) ressaltam em seu artigo: *Caminhos da História Digital no Brasil*, o esforço dos historiadores para direcionar uma história social das mídias, que procura inserir sobre o lugar do digital na história da técnica (Nicodemo; Rota; Marini, 2022, p. 7). Dessa forma, no Brasil nota-se que a variedade de sentidos e percepções do que é história digital se desdobra por dois caminhos: um, que a discussão metodológica envolvendo a presença do digital no conhecimento histórico, outro que estreita laços com a chamada história pública.

(Nicodemo; Rota; Marini, 2022, p.8). Ainda falando sobre importância do digital na vida acadêmica, o autor fala:

Todos usamos hoje dispositivos digitais para ensinar, aprender e para pesquisar e isso contrasta com a precariedade de ferramentas para analisar e para criticar as fontes digitais. No fim das contas, todos nós usamos fontes digitais, mas tendemos a assumir equivocadamente que são cópias fiéis dos supostos originais (Nicodemo; Rota; Marini, 2022).

Além disso, como o próprio autor reproduz, é arriscado colocar “o digital” antes das humanidades, produzindo assim um tipo de hierarquia que coisificará o campo dos estudos (Nicodemo; Rota; Marini, 2022, p. 14). Portanto, a história digital, nos dias atuais, parece não possuir ainda suficiente consolidação para se desgarrar das humanidades digitais, configurando-se como uma disciplina autônoma (Nicodemo; Rota; Marini, 2022, p.15).

Eventualmente, pensar o digital envolve entendê-lo como um emaranhado de elementos que, a cada dia mais, tornam-se lugares mais comum do cotidiano (Nicodemo; Rota; Marini, 2022, p. 17). Nesse sentido, a abordagem tem que estar diretamente ligada aos avanços tecnológicos. O docente ficará como mediador, promovendo a alfabetização e o letramento digital, resultando em maneiras acessíveis para o mundo tecnológico e suas informações, otimizando a inclusão social no mundo digital.

Haja visto, que o século XXI, possui avanços tecnológicos relevantes para a área da educação, podemos conectar o ensino, juntamente com o uso do mundo digital. As competências alertam sobre como o docente aborda o uso dessas ferramentas, que englobam a criatividade e o uso da imaginação para o pensamento crítico, no âmbito dos jogos e mídias digitais. Sobre isso, o autor ressalta:

Adentrando a terceira década do século XXI, a variedade de ferramentas, interfaces e mídias digitais já utilizadas em pesquisas humanísticas é abundante- sem contar as que têm potencial de uso futuro. Sua presença é constante nos momentos em todas as etapas de pesquisa: na análise de dados, a partir de ferramentas de leitura, estatística e de algoritmos de identificação de padrões em bancos de dados, por exemplo, na escrita, a partir de processadores de texto; nas formas de visualização de dados; e na divulgação científica, a partir de interfaces diversas articuladas em rede (Nicodemo; Rota; Marini, 2022).

Nesse aspecto, os jogos digitais são alternativas que são capazes de alterar a forma de pensar criticamente em relação aos conteúdos pragmáticos. No entanto, a utilização e a interação entre os discentes e o objeto de aprendizagem acaba se transformando em um fator motivacional. Ou seja, criando-se pontes, entre atividades atrativas e lúdicas e conteúdos formais de qualquer disciplina.

Certamente, essas alternativas propiciam uma dinâmica e uma aproximação, sobretudo como recurso pedagógico. Isto é, dialogando com metodologias frequentemente utilizadas como livros, vídeos, filmes, slides etc. Em suma, essas potencialidades sobre a utilização dessas ferramentas são invariáveis, não só como meio de entretenimento, mas no âmbito do ensino-aprendizagem. Além disso, é de extrema importância colocar nos jogos digitais, conceitos para melhor absorção das temáticas para os estudantes. Dessa maneira, espera-se que todo esse aparato tecnológico impacte positivamente o conhecimento nos alunos. E que o uso de celulares (smartphones) na sala de aula traga uma reflexão aos alunos, que ele pode ser usado não apenas como uso recreativo, mas também como recurso pedagógico, no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. A. L. S. de. **A Germânia de Tácito: tradução e comentários**. 2011. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Ministério da Educação, 2018.
- DOMÍNGUEZ MONEDERO, A. J. Cerámica griega en la ciudad ibérica. **Anales de Prehistoria y Arqueología, Murcia**, n. 17-18, p. 189-204, 2001-2002
- DESERTO, J.; PEREIRA, S. H. M. (Trad.) ESTRABÃO, Geografia. **Livro III**: introdução, tradução do grego e notas por Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2016.
- FUNARI, P. P. A.; GARRAFFONI, R. S. A aculturação como modelo interpretativo: o estudo de caso da romanização. **Heródoto: Revista Do Grupo De Estudos E Pesquisas Sobre a Antiguidade Clássica E Suas Conexões Afro-asiáticas**, 3(2), 2019. p. 246–255.
- GEARY, P. J. **O mito das nações**: a invenção das identidades nacionais. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro, Editora UFMG, Belo Horizonte, 1999.
- LUCCHESI, A. **Por um debate sobre História e Historiografia Digital**. Boletim Historiar, n. 2, 2014.
- NICODEMO, T. L.; ROTA, A. R.; MARINI, I. **Caminhos da história digital no Brasil**. Editora Milfontes, 2022.
- PEREIRA, S. H. M. Representações da alteridade em Estrabão: a dicotomia bárbaro/civilizado. In: **Livro III da Geografia. Phoênix**. Rio de Janeiro. Vol. 24/01. 2018. p.94-121
- PINTO, R. O impulso de romanizar. 2007. **Revista de E. F. e H. da Antiguidade**, Cps/Bsb, nº 22/23, jul. 2006/jun. 2007.